NOS 50 ANOS DA MORTE (1985)

Opinião

Luís Almeida Martins

Pessoa entre as pessoas

Meu pensamento, dito, já não é meu pensamento
F. Pessoa, Novas poesias inéditas

Uma opinião sobre Pessoa? Nem pensar, quanto mais escrever! Alinhar, por exemplo, as letras e as palavras que comporiam a frase: ele é o maior poeta português de todos os tempos — seria reduzir a uma dimensão encomiástica e festiva todas as quotidianas fortalezas e misérias de um homem discreto e de uma obra intelectual inspirada mas também laboriosa; afirmar, ainda por exemplo, que se trata do maior poeta europeu do nosso século ou tão-somente do nome mais destacado da sua geração de literatos (Sá-Carneiro incluído) seria incorrer de igual modo na pena eterna do remorso. As frases lapidares, acreditem, expiam-se em regra pelo fogo, sabido como é de todos quantos não o confessamos que as opiniões são ideias transportadas por palavras mas que a estas nunca se confinam.

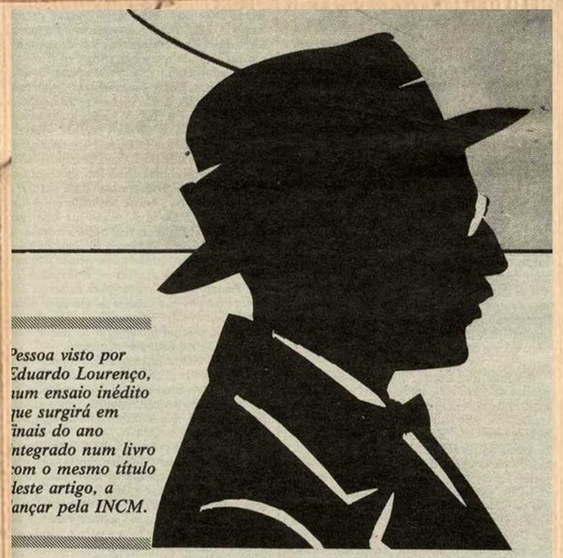
Pessoa, portanto. A pessoa de Pessoa mais do que a sua obra, sobre a qual muito tem sido afanosamente produzido sem que ninguém haja jamais realizado o milagre de encontrar as palavras filosofais que reduzam a discurso o que foge a todos os semáforos inventados: o pensar, o pulsar, o sentir. Não terei a veleidade de procurar achá-las — longe disso! — nem tão-pouco de tentar essa procura. Sísifo, todos o sabemos, continua ainda hoje a rolar o seu calhau pelas encostas do Cáucaso.

Mas direi, escreverei, coisas assim: que é bom ter existido a pessoa de Pessoa — provavelmente discreta, provavelmente comum — e que essa ou esse Pessoa nos tenha deixado num profundíssimo baú de recordações matéria para darmos pasto aos nossos sonhos, que é como quem confessa, para nos reencontrarmos um pouco quando nos achamos um pouco perdidos. Direi, escreverei, ainda, que uma coisa é essa obra ainda não completamente conhecida e divulgada e outra, não sei se claramente distinta da primeira — mas sobre isso me interrogo e sei sempre que sei afinal que sim — que é a tal pessoa de Pessoa, obscura mas cinética, integrada num tempo que o transcendeu mas que é o seu, contemporânea dos grandes mitos e das não menores frustrações das primeiras décadas do século, coeva de guerras na lama e de fascismos, de integralismos e de modernismos, de revoluções de espadas e de camiões fantasmas, de gabardines e de chapéus moles, de movimentos de vanguarda de uma era que não vivi mas onde pressinto terem fruído essas vanguardas de uma alegria íntima e estruturada dentro dos seus caos particulares e metódicos. Direi, escreverei, que o próprio ou a própria pessoa se movimenta aí não como o signo a que hoje pretendem limitá-lo, mas como um mero, e por isso grandioso, sintoma dessa tríade de componentes do código da comunicação que é isto tudo afinal. Direi, escreverei, ainda, que leio Pessoa no fundo azul dos olhos da minha companheira e que isso me basta porque é de uma opinião que se trata e as palavras pouco têm que ver com coisas destas.

Este número do «JL» é dedicado a Fernando Pessoa. É num jornal que transformamos o labor orientado — e na semana do cinquentenário da morte do poeta não nos caberia o direito, por mais íntimo ou descodificado, de procedermos de outro modo. Mas que fique assente desde já que o constrangimento escasso papel desempenhou na tomada desta opção. Festejado ou não, exumado ou não ao lado de navegadores e vates de quinhentos, Fernando Pessoa figura aqui — tem figurado sempre — por direito fundamental e próprio, independente e distinto de comissões e oratórias.

Sem dúvida que Pessoa não se esgota, nem aqui, nem nunca. Eu já disse, escrevi, como o leio e lerei enquanto continuar fumando. E depois, «meu pensamento, dito...» ■

JORNAL DE LETRAS
26/11/1985



Pessoa visto por Eduardo Lourenço, um ensaio inédito que surgirá em finais do ano integrado num livro com o mesmo título deste artigo, a lançar pela INCM.

Eduardo Lourenço

À memória de Mário Botas

Ió na água dos rios e dos lagos ele
odia fitar seu rosto. E a postura,
nesmo, que tinha de tomar era
imbólica. Tinha de se curvar, de
e baixar para cometer a
gnomínia de se ver.
Livro do Desassossego

erei sempre da rua dos
Douradores como a humanidade
nteira.
id.

Custa-me imaginar que alguém possa um dia falar melhor de Fernando Pessoa que ele mesmo. Pela simples razão de que foi Pessoa quem descobriu o modo de falar de si omando-se sempre por um outro. E como os deuses lhe concederam um olhar imparcial omo a neve, o retrato que nos devolve do undo do seu próprio espelho brilha no escuro como uma lâmina. Quando encarnada em figuras que parecem vivas — e ele supunha mais vivas do que ele — essa descoberta de si como outro, convertida em jogo da sua verdade, chamou-se Heteronímia. Talvez nada melhor que esta palavra abstrusa de sua invenção, tornada hoje quase popular, indique a que ponto um dos mais estranhos espíritos do século XX se converteu num **mito.** Não me vou prestar ao ridículo de esclarecer o que é um mito depois de o mesmo Pessoa ter configurado da sua essência a versão exacta:

O mito é o nada que é tudo.

. . . . . .

Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.

Mito, vida que não passa na vida que passa — e toda passa —, lenda a escorrer da realidade. Foi para Ulisses, incarnação da primeira viagem iniciática da nossa alma futuramente grega, como ele a sonhava, que o autor de **Mensagem** compôs os versos famosos. Não menos mágica é, para nós, a aventura daquele que era por fora e para os outros, Fernando Pessoa e que por dentro não

nsaio

Fernando, rei da nossa Baviera

tinha nome próprio, como todos nós. Só que ele o sabia e nós menos do que ele. Como Ulisses, «sem para si existir nos bastou. Por não ter sido foi vindo e nos criou», tais que já não podemos contemplar o céu da nossa cultura sem o ver a ele no centro, convertido em «mito brilhante e mudo», e irradiando a sua luz enigmática. Há cinquenta anos essa mesma luz era invisível ou obscura. Hoje é mais que visível e, aparentemente, clara. Se há enigma é o da sua universal claridade. Por detrás dela não é difícil descortinar o sorriso de Pessoa, gozando a nós, como escreveu, «a ironia de o não estranharem». Com efeito, que alquimia converteu uma poesia, à primeira vista — e sobretudo, à segunda — pouco acessível, espelho sem reflexo dos jogos infinitos da emoção e da inteligência dela, em música íntima, em solilóquio obsessivo da nossa cultura? Porquê nos passamos a toda a largura da rua com os bolsos atulhados de frases de Pessoa? Porquê os seus poemas, os seus pensamentos, os seus paradoxos, a sua múltipla leitura do universo e da vida se tornou matriz e o código, não apenas dos nossos sonhos mais raros, como da prosa triste da realidade? Em suma: como e porquê, Pessoa, se converteu num mito?

Ofuscadas por uma presença tão soberana, várias vezes, algumas de naturais candidatos à sua sucessão, se têm insurgido contra esta confiscação da nossa vida cultural pelo mito — Pessoa. Em vão. Como outros povos, também sós, gostamos de reis. Sobretudo, mortos. Fernando Pessoa, rei de si mesmo como poucos o foram — se é ser rei existir e sonhar, sentado num trono de melancolia — também gostava de «reis», meteóricos como Sidónio Pais ou loucos como o seu muito amado e fraterno Luís da Baviera. Do horripilante «objecto — fétiche» em que o desejamos converter, decerto gostaria menos. Ele suspeitaria que o incenso que o dilui é menos o fruto de uma conivência de propósitos e sonhos, que o milagre às avessas de uma devoção aos deuses que ele recusou.

Como pôde um Poeta que subverteu os fundamentos do nosso moderno lirismo efusivo e sentimental, o nosso coração a tiracolo, o nosso heroísmo de emenda por

▶

JORNAL DE LETRAS
26/11/1985